# Terra, território e vida: perspectivas antropológicas sobre os modos de vida camponeses

**Tainá Holanda Caldeira Baptista**

**1º semestre/2019**

## Repertório Didático

**Índice**

1. **Introdução**
2. **Bloco 1: Se o campo não planta a cidade não janta.**
   **2.1** Atividade I
3. **Bloco 2: Conhecendo as comunidades de agricultores: quem planta nossa comida?**
   **3.1** Atividade I
   **3.2** Avaliação I
   **3.3** Atividade II
4. **Bloco 3: Comunidades camponesas e comunidades tradicionais: homogeneidade, diferenças, singularidades?**
5. **Bibliografia de apoio**

## Introdução

A questão agrária no Brasil permanece, ao longo do tempo, como importante tema de estudo e pesquisa nas diferentes áreas do grande campo das ciências humanas. A estrutura agrária desigual historicamente persiste em nosso país, fazendo com que a luta por território se transforme em uma luta pela possibilidade de existir para muitas das comunidades rurais brasileiras. Desde a década de 1980, com o início dos debates

políticos visando à promulgação da Constituição Federal de 1988, essa problemática assume papel central no cenário político. É nesse período, também, que muitas comunidades camponesas passam a se reconhecer politicamente (justamente porque em um diálogo direto com o Estado e a sociedade nacional) como comunidades tradicionais, em busca de terem seus direitos territoriais, sociais e políticos reconhecidos.

Nesse contexto, a Antropologia assume um papel muito específico e importante dentro desse debate, através de pesquisas acadêmicas que buscam compreender quem são essas comunidades e povos que lutam para garantir o acesso à terra para possibilitar a reprodução de seus modos de vida. Essa sequência didática tem como objetivo introduzir os estudantes de Ensino Médio nessa discussão que não só é teórica, mas também política, e diz respeito a todos nós, uma vez que são essas mesmas comunidades as grandes responsáveis pela produção dos alimentos que compõem a dieta da maior parte dos brasileiros.

Dessa forma, buscamos propor um possível percurso para um contato inicial com a temática citada. Sugerimos, ainda, que as atividades aqui propostas sejam desenvolvidas com turmas de estudantes do 2º ano do Ensino Médio, de modo que, supostamente, algumas noções necessárias para a compreensão dessa sequência já tenham sido trabalhadas de antemão.

**Bloco 1: Se o campo não planta a cidade não janta.**

**Descrição da atividade:** A ideia dessa atividade é estimular o debate entre os estudantes sobre a origem dos alimentos consumidos nos centros urbanos. O ponto de partida são as noções prévias dos estudantes a respeito da categoria genérica de "mundo rural" e o objetivo é a elaboração conjunta de um circuito curto de produção e comercialização dos alimentos que abastecem os mercados nas cidades.

**Objetivos:** O principal objetivo dessa atividade é introduzir a reflexão em sala de aula sobre as diversas relações de produção e comercialização envolvidas no caminho dos alimentos entre o campo e a cidade. A ideia central é estimular que os estudantes

reflitam sobre os muitos e complexos caminhos que levam ao encontro dos consumidores, nas cidades, com os alimentos produzidos no campo.

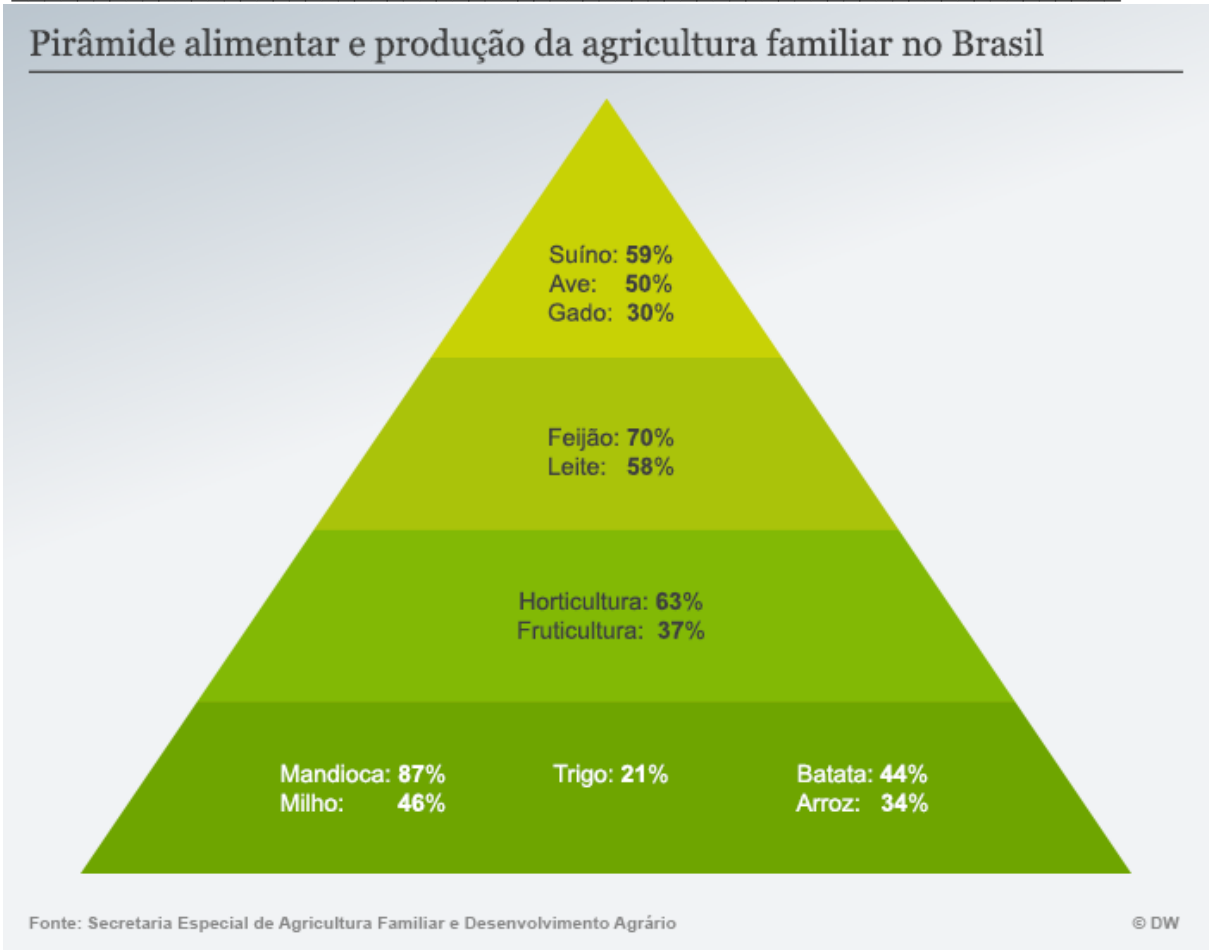
**Previsão de desenvolvimento:** 2 aulas (45 min / 50 min)

**Recursos necessários:** Lousa, giz e projetor para exibir slides com tabelas e informações sobre a produção de alimentos no Brasil.

**Dinâmica utilizada:**

***Atividade I:***

Sugerimos que se inicie a aula com o questionamento acerca da origem dos alimentos consumidos em São Paulo. A ideia é estimular que os alunos compartilhem com a turma tudo o que lembrarem sobre a produção agrícola de alimentos e o mundo rural. É possível que muitos estudantes não relacionem, inicialmente, a origem agrícola dos alimentos com o que entendem por "mundo rural", respondendo que os mesmos vêm do "mercado" ou da "feira". Nesse ponto, incentivamos que se apresente a tabela a seguir:

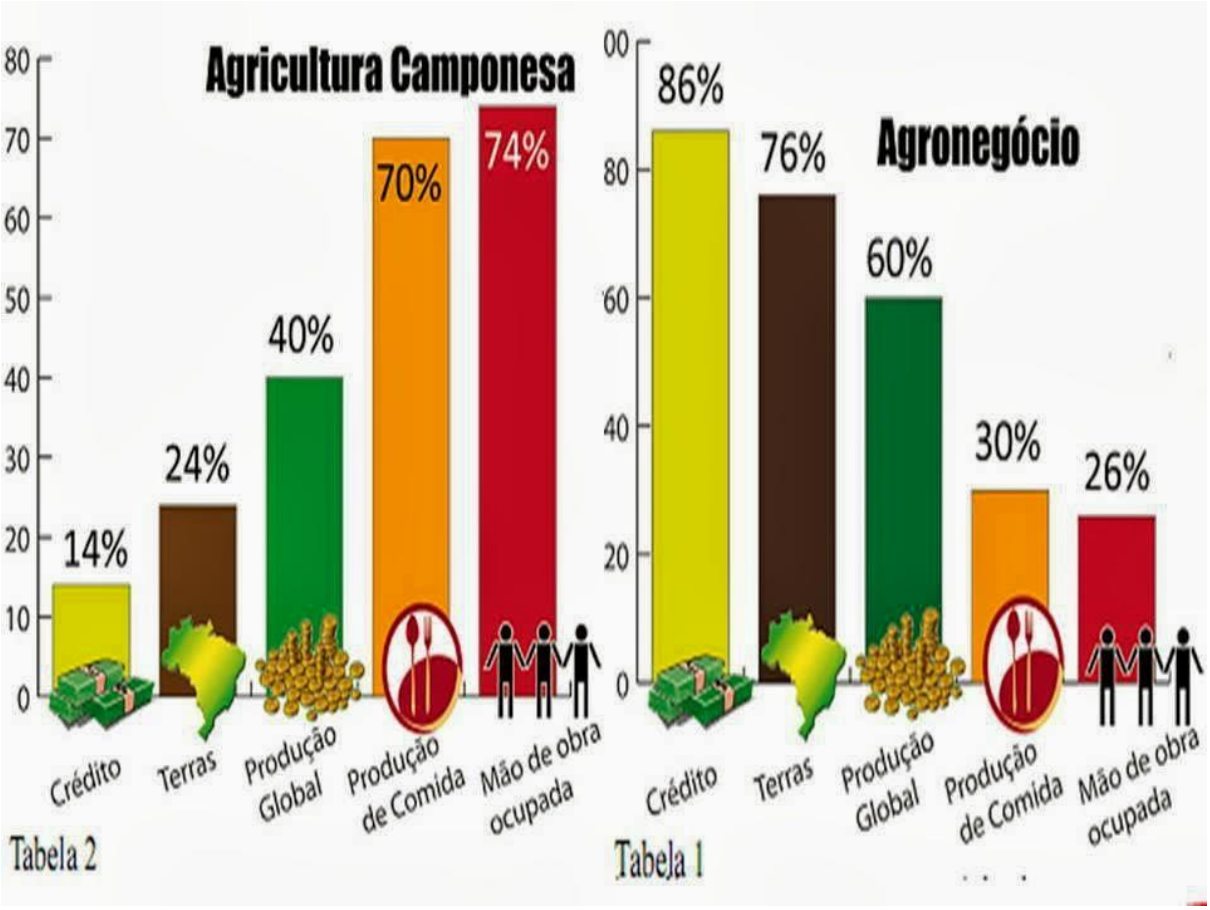



(Fonte:https://www.dw.com/pt-br/quem-produz-os-alimentos-que-chegam-%C3%A0-mesa-do-brasileiro/a-42105492 Acesso em: maio de 2019)

É importante que todos tentem compreender as informações contidas na pirâmide desenvolvida pela Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário. Pode-se questionar à turma: "Quais informações a pirâmide nos traz?" A ideia é que se atente para a participação, majoritária em muitos exemplos, da agricultura familiar na produção agrícola de alimentos consumidos no cotidiano por muitas famílias brasileiras. Dessa forma, é essencial que os pontos sejam levantados, um por vez, de forma didática, como por exemplo: "Quem aqui comeu feijão ontem no almoço? Vocês sabiam que 70% do total de feijão consumido no Brasil é produzido através da agricultura familiar?" E assim por diante.

Após perceber, junto dos estudantes, a origem real dos alimentos — que não é o supermercado —, conforme a pirâmide mostra e articula com um modo específico de

produção, é importante que se discuta o que é agricultura familiar. Sugerimos que se pergunte para a classe ao que lhes remete esse termo. A tabela a seguir pode auxiliar na compreensão do que é esse modo de produção, de uma perspectiva comparativa:




Fonte: IBGE, 2016.

O gráfico acima traz muitas informações distintas. O objetivo da atividade aqui proposta não é que a turma se aprofunde em sua compreensão. Sugerimos um olhar geral e uma breve discussão a respeito, principalmente, da porcentagem de produção de comida, da mão de obra ocupada e da porcentagem de terra utilizada. Esse gráfico evidencia as especificidades da agricultura familiar frente ao agronegócio, trazendo aspectos próprios do modo de produção camponês para o debate, como a utilização de menores extensões de terra, a maior quantidade de força de trabalho ocupada (que, nesse momento, deve ser compreendida como sendo força de trabalho familiar, dos membros da família que se auto-organizam) e a diversidade produtiva. Nesse ponto da

discussão, pode ser interessante comparar a porcentagem de terra utilizada para produzir alimentos pela agricultura familiar, bem menor do que a utilizada pelo agronegócio para produzir commodities (compreendidos como produtos agrícolas com alto valor no mercado internacional, utilizados como matéria prima para a indústria).

Esperamos que as discussões em sala caminhem para a conclusão de que: quem alimenta majoritariamente a população brasileira são os agricultores familiares, utilizando-se, para isso, de menos terra e maior quantidade de força de trabalho (mais pessoas são empregadas no processo produtivo).

**Bloco 2: Conhecendo as comunidades de agricultores: quem planta nossa comida?**

**Descrição da atividade:** Essa atividade foi pensada para ser um estímulo ao debate sobre os sujeitos que vivem e constroem as comunidades rurais no Brasil. A ideia é refletir sobre quem são as pessoas que produzem os alimentos que consumimos na cidade, invisibilizadas por um extenso circuito de comercialização.

**Objetivos:** O objetivo dessa atividade é trazer para o centro do debate os muitos sujeitos, agricultores familiares, que produzem a maior parte dos alimentos consumidos no Brasil. Desse modo, esperamos que seja possível aos estudantes conhecer um pouco da diversidade de comunidades camponesas que vivem nas zonas rurais do país.

**Previsão de desenvolvimento:** 3 aulas (45 min / 50 min cada)

**Recursos necessários:** Lousa, giz e projetor para exibição de vídeo.

**Dinâmica utilizada:**

***Atividade I***

Sugerimos que seja exibido o curta "Sistema Agrícola Quilombola"[1], desenvolvido pelo Instituto Socioambiental (ISA), após o qual imaginamos uma roda de conversa com os estudantes e o professor em sala. Trata-se de um curta desenvolvido pelo ISA em parceria com as comunidades quilombolas do Vale do Ribeira para a campanha "Tá na hora da roça!", que tem como objetivo pressionar o governo do estado de São Paulo para licenciar as roças de coivara manejadas pelas famílias agricultoras quilombolas do Vale do Ribeira (SP) de acordo com os conhecimentos tradicionais das comunidades. A ideia é que o vídeo fomente o debate sobre o modo de vida quilombola construído no Vale do Ribeira, como uma das muitas identidades de comunidades da agricultura familiar no Brasil. Os vídeos trazem aspectos centrais do modo de vida dessas comunidades, assim como de sua organização social e organização reprodutiva. Demonstram a intrínseca ligação entre a roça de coivara cultivada pelas comunidades quilombolas e as demais esferas da vida das comunidades, como a educação dos jovens e a religiosidade.

Assim sendo, aconselhamos que se estimule o debate sobre as especificidades desse modo de vida tradicional, que apresenta outra visão de mundo e que constrói, por assim dizer, outro mundo para sua visão. É importante que se atente para os aspectos que localizam essas comunidades e sua cultura em relação ao território que constroem e aos alimentos que produzem. Por exemplo: temporalidades (os sujeitos do vídeo mencionam formas de organizar o tempo, entendimentos sobre os ciclos e períodos sociais e agrícolas?); modos de transmissão de conhecimentos (no curta, são mencionados modos de educar e transmitir conhecimentos para as crianças? As escolas entram em cena? Como os mais velhos transmitem seus saberes para as gerações mais novas?); tipos de alimentos produzidos (o curta traz informações sobre os alimentos que são produzidos pelas comunidades? esses alimentos são conhecidos pelos alunos?); produção agrícola familiar (o curta traz informações sobre as formas como esses alimentos são produzidos? o destino final é o autoconsumo ou a comercialização?); etc. Não são todas as perguntas aqui levantadas, a título de exemplo, que necessariamente surgirão no debate nem que foram diretamente esclarecidas pelos vídeos. Buscamos apenas propor, inicialmente, um fio condutor para a roda de conversas pós filme.

[1] Esse curta-metragem produzido pelo Instituto Socioambiental está disponível no Youtube no "canal" do Instituto Socioambiental, para assistir *online*, e tem 24min28s.

***Avaliação I:*** Solicitar aos estudantes que façam, para a aula seguinte, um levantamento de materiais a respeito de outras comunidades tradicionais ou camponesas existentes atualmente no Brasil. A proposta é que essas pesquisas sejam apresentadas em sala de aula, de modo que seja possível compartilhar o que foi conhecido com os demais colegas. Todos devem escolher um dos dois caminhos de pesquisa sugeridos a seguir:

**I.** Pesquisar em matérias de jornais, revistas, programas de televisão, filmes etc, conteúdos que abordem o cotidiano, a luta, a questão territorial, o modo de produção, a organização social, a religiosidade, a transmissão de saberes, as festas, os ritos; enfim, qualquer aspecto que se considere relevante e se relacione ao modo de vida ou ao território existencial construídos pelas comunidades tradicionais no contexto recente do Brasil.
Ex: comunidades caiçaras, comunidades ribeirinhas, comunidades de quebradeiras de coco babaçu, comunidades de pescadores, comunidades quilombolas de outras regiões, comunidades seringueiras, comunidades coletoras ou extrativistas, etc…

**II.** Pesquisar por meio de entrevistas com seus familiares, vizinhos, colegas se alguém de sua rede de convívio nasceu ou viveu em municípios rurais. A ideia é que os estudantes que escolherem essa proposta tragam para a turma um relato breve — mas estruturado, em forma de texto — das lembranças das pessoas entrevistadas.
Ambos os possíveis modelos de avaliação deverão ser apresentados brevemente para a turma nas duas aulas seguintes. Além disso, sugerimos que essas atividades avaliativas sejam entregues ao professor na forma de um texto que relate o caminho da pesquisa e o que foi encontrado. Os materiais utilizados, no caso do caminho de pesquisa I, também devem estar anexos; no caso do caminho de pesquisa II, devem ser apresentadas informações sobre a pessoa entrevistada, como nome, idade, local de nascimento, profissão, escolaridade, local de residência, grau de parentesco / tipo de relação, e o que mais se considerar relevante.

***Atividade II***

Apresentações das pesquisas realizadas pelos alunos e entrega dos textos. O professor deve pensar como organizar as apresentações junto com a turma. Sugerimos que sigam a lógica da divisão de "caminhos de pesquisa" propostos (primeiro as pesquisas do caminho I, depois as pesquisas do caminho II) ou que sejam divididas por blocos destinados a cada "segmento" das comunidades conhecidas como tradicionais.

**Bloco 3: Comunidades camponesas e comunidades tradicionais: homogeneidade, diferenças, singularidades?**

**Descrição da atividade:** Essa atividade foi pensada como um momento de reflexão a respeito das pesquisas realizadas e socializadas pelos estudantes nas aulas anteriores. A ideia é que seja estimulada a troca de conhecimentos entre a turma, de modo que se reflita a respeito de possíveis semelhanças, traços em comum, e diferenças entre as comunidades e os sujeitos pesquisados. Quem são essas comunidades? Quem são essas pessoas?

**Objetivos:** O objetivo dessa atividade é possibilitar a construção de respostas consistentes para as perguntas acima formuladas, tarefa que deve ser realizada em sala de aula e coletivamente. A proposta prevê que se discuta brevemente as especificidades contidas em cada material pesquisado e em cada relato registrado através das entrevistas. A ideia norteadora é que, se tratando de interlocutores e interlocutoras que viveram no mundo rural ou compõem atualmente comunidades camponesas e (ou) tradicionais, busque se pensar o que conecta todos esses grupos, o que os faz "camponeses" ou (e) "tradicionais"?

**Previsão de desenvolvimento:** 2 aulas (45 min / 50 min cada)

**Recursos necessários:** Lousa, giz e projetor para exibição de slides.

**Dinâmica utilizada:**

***Atividade I***

Sugerimos que o professor busque abordar, a partir das pesquisas realizadas pela turma, aspectos que o coletivo considera marcantes nesses materiais. A lousa pode ser um bom lugar de registro do que for dito e pensado nessa dinâmica. Caso os estudantes se intimidem, sugerimos que alguns aspectos norteadores sejam elencados: região, uso da terra (comum? coletivo? individual? familiar?), atividade produtiva principal (alimentos? commodities? coco babaçu? peixe? pecuária? turismo?), características identitárias (população negra? população indígena? ambos?), aspectos culturais (religiosidade? festas? rituais?). A partir desses aspectos, é importante solicitar à turma que busque trazer informações de suas pesquisas para preencher essas lacunas.
Por ex: Comunidades Ribeirinhas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses: população negra - atividades principais: pesca, pecuária e turismo - uso coletivo da terra etc…

***Atividade II***

Nessa última aula da sequência didática, propomos que seja feita uma retomada de todo o conteúdo visitado ao longo das aulas. A ideia é que se discuta o conteúdo que foi abordado ao longo desta sequência didática, buscando articular a problemática da produção de alimentos, visitada na primeira aula, com o modo de vida de comunidades camponesas e tradicionais, responsáveis por parte dessa produção através do trabalho familiar. Consideramos importante demonstrar a necessidade de visibilizar essas comunidades e esses sujeitos, totalmente esquecidos ao longo do processo de comercialização dos alimentos no Brasil. Nesse ponto, vale ressaltar a recente busca por formas alternativas de comercialização e consumo, desenvolvida por parte dos movimentos sociais, ONGs, grupos de consumo responsável, projetos de economia solidária, entre outros. A aposta geral é na construção de circuitos mais curtos e justos de comercialização, que têm como objetivo justamente valorizar e visibilizar as famílias e comunidades produtoras dos alimentos consumidos nas cidades.

**Avaliação II:** Propomos como segunda avaliação da sequência didática o desenvolvimento de um trabalho final em grupos, formados por quatro ou cinco

estudantes. Cada grupo deverá demonstrar o que compreendeu ao longo da sequência, respondendo à seguinte questão:

*O que significa afirmar que "o direito de acesso à terra é um direito à existência", tendo em vista o que estudamos a respeito das comunidades camponesas e tradicionais, e como isso se relaciona com a vida cotidiana de cada um de vocês?*

O formato dessa atividade é livre. Sugerimos que o professor aceite diversos tipos de devolutivas, como, por exemplo, seminário com apresentações de slides, redações, cartazes, poesias, vídeos, músicas, cenas teatrais, etc.

**Bibliografia de apoio**

BERNO DE ALMEIDA, Alfredo Wagner. "Formas de acesso à terra e os sistemas de uso comum". *In*: GODÓI, E. O. et al (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**, v. 2: Estratégias de Reprodução Social. São Paulo/Brasília, UNESP/NEAD, 2009, p. 39-66.

OLIVEIRA, A. U. de; MARQUES, Marta I. M. **O campo no século XXI.** São Paulo: Paz e Terra; Casa Amarela, 2004, p. 121-131.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. "Populações tradicionais e conservação ambiental". *In*: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas.** São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 277-310.

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura.** São Paulo: Ática, 1986. (Col. Princípios, 68).

**Sistema Agrícola Quilombola.** Curta Metragem produzido por Instituto Socioambiental. 24min28s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0B0ydEoqJ8E Acesso em 26/06/2019.